



MODA, UTOPIA E TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Fashion, Utopia and Transformation of Society

Christo, Deborah Chagas; PhD; PUC-Rio, deborahchristo@gmail.com¹
Sabra, Flávio Glória Caminada; PhD; IFRJ – Belford Roxo, flavio.sabra@ifrj.edu.br²

Resumo: Este artigo se propõe a apresentar uma análise inicial sobre a relação entre a transição do regime de produção fordista para o regime de acumulação flexível e a construção de utopias no campo da moda, comparando com o campo do design e da arte.

Palavras chave: Moda; Utopia; Sociedade pós-fordista.

Abstract: This article proposes to present an initial analysis of the relation between the transition from the Fordist production regime to the flexible accumulation regime and the utopias construction in the fashion field, comparing with the design field and the art field.

Keywords: Fashion; Utopia; Post-Fordist Society.

Introdução

É possível perceber, dentro do campo da moda, do design e da arte, na contemporaneidade, diferentes movimentos que pretendem, ou dizem pretender, transformar nossa sociedade para melhor. São movimentos que questionam a forma de produção e a indústria e tentam propor outras formas mais sustentáveis de produção, ou movimentos que propõem o retorno a técnicas mais artesanais de produção, ou, mesmo, movimentos que

¹ Doutora em Design pela PUC-Rio, Mestre em Design pela PUC-Rio e Graduada em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela ESDI-UERJ. Professora do curso de Design da PUC-Rio.

² Doutor em Design pela PUC-Rio, Mestre em Administração pelo IBMEC/RJ, Especialista em 1ª Gerência em Marketing pela ESPM/RJ, Graduado em Desenho Industrial pela FISS, Técnico em Estilismo e Confeção Industrial pelo SENAI CETIQT. Professor do IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – Campus Belford Roxo.



valorizam novas formas de produção como as vinculadas à indústria 4.0, ou ainda movimentos que questionam os códigos de vestir e agir relacionados, por exemplo, a gêneros, entre tantos outros movimentos. Eles podem ser percebidos como um espaço possível de transformação de uma sociedade com tantas contradições, desigualdades e problemas, seja por denunciar e expor, através das suas linguagens, o que nem sempre está explícito, seja por tentar propor novas formas de pensar e fazer. Porém, este é um movimento recorrente, pois moda, design e arte, em diferentes momentos da história, já produziram manifestos e movimentos com o intuito de transformar para melhor a sociedade. Mas, quais são as características que diferenciam estes movimentos, dos contemporâneos? Que transformações sociais influenciam, ou influenciaram, o surgimento destes movimentos? Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa que se propõe a analisar os mecanismos de construção de utopias dentro do campo da moda atualmente, a partir da análise de como a lógica da sociedade pós-fordista, ou da acumulação flexível, influenciou a transformação dos meios de produção e, conseqüentemente, os modos de fazer do designer, alterando o valor dado à materialidade do objeto como questão principal e central da sua atividade e enaltecendo sua capacidade de construção de valores imateriais. Para isso, foram utilizados como referências bibliográficas principais o texto “Condição pós-moderna” de David Harvey, “Gramática da multidão: Para uma análise das formas de vida contemporânea” de Paulo Virno, “Design para um mundo complexo” de Rafael Cardoso e “O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação” de Vilém Flusser. Além disso, foram analisados alguns movimentos e manifestos presentes no campo da arte e do design na época do modernismo para uma análise comparativa com alguns dos movimentos atuais.

Utopia na moda, no design e nas artes

Em 13 de abril de 2019, Paulo Borges divulgou, no perfil da São Paulo Fashion Week no Instagram, um vídeo sobre o tema para o evento da semana de moda paulista,





direcionado à Primavera/Verão 2020, que ocorreu em 22 a 27 de abril no espaço Arca, em São Paulo. O vídeo inicia com a pergunta ‘Qual é a sua utopia?’ para apresentar a proposta de uma São Paulo Fashion Week onde as pessoas poderiam, pelo menos como conceito, discutir, trocar e construir juntos, de forma colaborativa e interativa, mudanças para o futuro. Segundo Paulo Borges (2019) a Moda viu e vivenciou todas as mudanças provocadas pelas transformações digitais e a principal vantagem deste mundo virtual é a possibilidade ampla de participação dos mais diversos tipos de produtores relacionados à moda, toda forma e tamanho de negócio é possível. Neste contexto, segundo ele, ‘a alma do que é feito, do que é dito e da forma como é feito são extremamente relevantes para as verdades que são construídas com cada um’ (2019).

Três questões são interessantes para serem observadas e analisadas a partir deste vídeo como ponto de partida para as reflexões apresentadas neste artigo: a noção de que a moda é capaz de gerar novas propostas para um futuro melhor, ou seja, de criar utopias; a importância dada ao discurso e à linguagem associados aos produtos, influenciada pelas transformações sociais provocadas pelas inovações tecnológicas e o crescimento do mundo digital, ou seja, da aparente supremacia do conceito abstrato e do discurso em relação ao objeto concreto na sociedade contemporânea; e a crescente valorização do indivíduo em relação ao coletivo na atualidade.

A moda como um espaço para construção de utopias para a transformação da sociedade não é uma questão exclusiva do campo da moda, nem uma questão nova, ou vinculada apenas às transformações recentes da sociedade contemporânea. É possível identificar vários movimentos na história da arte e do design, por exemplo, que se propunham explicitamente, ou não, a transformar a sociedade, ou a expor questões para serem repensadas ou transformadas. Os construtivistas russos, por exemplo, acreditavam no desenvolvimento da sociedade por meio da arte, utilizando a produção mecanizada, a engenharia, os meios gráficos, fotográficos e de comunicação. Eles realizavam ‘construções’ em vez de esculturas e pensavam que a arte deveria estar a serviço de uma revolução social, que seria capaz de construir um mundo igualitário. Já o Neoplasticismo, com sua arte de



rigor geométrico, estruturas cartesianas e cores primárias acreditava na formação de uma ‘comunidade espiritual’ capaz de criar uma ‘nova concepção de arte e de vida’ (MILLIET, 1994, p. 189). Ou ainda o movimento de Arte Concreta que pretendia fazer com que a arte fosse acessível a todos, a partir da utilização de cores primárias subordinadas à forma e de uma composição elaborada com figuras geométricas e princípios matemáticos para permitir a seriação. O movimento negava as representações naturalistas e tridimensionais e buscava a objetividade em detrimento da subjetividade e, com isso, seria capaz de se transformar numa arte universal. No Brasil podemos citar o movimento de Arte Concreta brasileira que estava surgindo primeiro em São Paulo, com o Grupo Ruptura, fundado em 1952 e depois, no Rio de Janeiro, com o Grupo Frente. Mas estes são apenas alguns exemplos de movimentos dentro do campo da arte que traziam em sua formação ideias para transformar a sociedade através das obras produzidas pelos artistas. A partir da modernidade, muitos foram os movimentos que reuniam diferentes artistas e procuravam desenvolver linguagens formais capazes de materializar, através das suas obras, utopias de melhoria das relações que se estabelecem dentro da sociedade. No campo do design, podemos citar a própria fundação da Bauhaus, em 1919, que também foi estruturada a partir do lema ‘*unidade de todas as artes*’ e, posteriormente seguiu o conceito de ‘*arte e técnica, uma nova unidade*’, defendida por Walter Gropius dando mais valor à técnica e à indústria do que à arte. (SOUZA, 1998. p. 46 – 47) Ou ainda, movimentos como ‘Arts and Crafts’, na segunda metade do século XIX, que defendia a volta a processos produtivos artesanais característicos da idade média como forma de reagir a uma dita ‘frieza’ dos objetos industriais e de desenvolver objetos capazes de contribuir numa reforma econômica, ou o Movimento Memphis fundado em 1981, pelo italiano Ettore Sottsass como reação a estética funcionalista e geométrica reverenciada no design na época. Estes são movimentos em épocas e áreas diferentes, porém que trazem em sua constituição a defesa por alguma utopia de transformação das relações estabelecidas dentro da sociedade.

Se analisarmos a produção de objetos de vestuário atualmente, também podemos identificar vários exemplos onde estes objetos foram desenvolvidos como possíveis meios de



transmissão de conceitos e ideias com o propósito de transformar nossa sociedade. São desfiles para questionar as formas de vestir e as representações de gênero, ou coleções desenvolvidas a partir de materiais que, aparentemente causariam menor impacto no meio ambiente, ou formas de distribuição de objetos do vestuário baseadas em uma produção sob demanda, ou desfiles valorizando grupos sociais tradicionalmente em posições marginais dentro do processo produtivo da indústria da moda, como costureiras, ou artesãos. Fala-se em *'Slow Fashion'*, em produtos socialmente justos, em *'moda agênero'*, em moda como inclusão social, na volta do *'hand made'* como possibilidade de uma produção e um consumo mais sustentável, etc., Mesmo que estes movimentos possam ser questionados como possibilidades efetivas de transformação da sociedade, eles podem ser percebidos como utopias contemporâneas similares a tantos outros movimentos no campo da arte, do design e mesmo na moda. Mas qual a diferença, se é que ela existe, entre estes movimentos contemporâneos, muitas vezes associados à pós-modernidade, e todos os outros movimentos de construção de utopia existentes na era moderna?

Pós-fordismo ou Acumulação flexível

Segundo Paulo Virno (p. 60), *'o capitalismo contemporâneo tem seu principal recurso produtivo nas atitudes lingüístico-relacionais do ser humano, no conjunto de faculdades (dynaméis, potência) comunicativas e cognitivas que o distinguem'*. Desta forma, os discursos e as construções de conceitos parecem ser os principais produtos da sociedade contemporânea, ou seja, por mais que os objetos resultantes dos processos produtivos ainda façam parte da nossa sociedade, seu valor parece ser dado e estabelecido pelos discursos construídos em seu redor. Para Virno, numa sociedade pós-fordista, o artista se torna um *'virtuoso'*, onde a linguagem e a comunicação se sobrepõem ao objeto produzido, mesmo considerando que esta linguagem não aconteça independente do objeto. Segundo ele, é na indústria cultural que a matriz do pós-fordismo e da atividade sem obra se estabelecem. De certa forma, isso pode ser entendido como uma relação entre a característica da sociedade



pós-fordista e a valorização, e até mesmo dependência, dos enunciados que fundamentam a criação, desenvolvimento e forma dos objetos do campo da moda, do design e da arte na sociedade contemporânea e que, neste artigo, estão associados à construção de utopias.

A ideia de uma sociedade pós-fordista parte de uma noção de ruptura com os padrões e práticas capitalistas do modelo produtivo fordista. Porém, para David Harvey (2001), esta ruptura é nomeada e definida como um regime capitalista de acumulação flexível, caracterizada por uma flexibilidade dos processos, produtos, padrões de consumo, mercados e da organização do trabalho.

Segundo ele, nas duas últimas décadas, com a transição do fordismo para a acumulação flexível, a sociedade viveu uma intensa compressão do espaço-tempo, com rupturas nas práticas político econômicas, na vida social, cultural e no equilíbrio do poder.

Como consequência, surgiram novos setores de produção, novas modalidades de serviços financeiros, novos mercados e uma inovação comercial, tecnológica e organizacional capaz de garantir a adaptação do setor produtivo às mudanças rápidas exigidas pelas variações contínuas da demanda dos consumidores. Com isso, novas tecnologias de automação foram inseridas no processo produtivo que passou a estar disperso em fábricas localizadas em diferentes locais do mundo, ocasionando uma descentralização da produção. Com as inovações sendo inseridas com frequência no mercado uma lógica de obsolescência programada dos produtos foi inserida no processo produtivo. Além disso, o mercado de trabalho sofreu uma reestruturação a partir da flexibilidade nos contratos de trabalho, do surgimento da figura do trabalhador temporário, da subcontratação, da terceirização, da precarização da mão-de-obra, do desemprego estrutural, da diminuição dos salários e do enfraquecimento dos sindicatos trabalhistas. Sistemas aperfeiçoados de comunicação, racionalização nas técnicas de distribuição entre outros permitiram a circulação de mercadorias numa velocidade maior.

Desta forma, a transição do regime fordista para um regime de acumulação flexível provocou transformações sociais que alteraram tanto o processo produtivo, como as relações vinculadas a ele, além das relações entre produtores, consumidores e os objetos produzidos.



É possível concluir, então, que esta transição também influenciou as relações de produção dentro do campo da moda, do design e, até mesmo, da arte.

O designer numa sociedade pós-fordista

Para Rafael Cardoso, a produção flexível, descrita e estudada por Harvey, acarretada um novo paradigma que diverge radicalmente da produção em massa vinculada a Henry Ford. Esse novo paradigma também interfere nas atividades do designer. Segundo ele, o design é uma atividade projetual que atua na conformação material dos objetos como outras atividades como arquitetura, engenharia e artes plásticas. Porém, também está vinculado a área informacional, influenciando na valoração dos objetos e das experiências dos usuários com estes objetos e se aproximando de áreas que promovem atribuições de valores abstratos e subjetivos aos objetos, como publicidade, marketing e moda. Para Rafael Cardoso, o design é uma área híbrida que promove a união entre conformação e informação, entre conceitos e valores abstratos e subjetivos e características formais materiais e concretas. Quanto mais a sociedade contemporânea valoriza a imaterialidade e os ambientes virtuais, mais a fronteira entre estes dois aspectos do design se torna fluida. (CARDOSO, 2016, p. 236-237)

De certa forma, as transformações identificadas por Harvey parecem também interferir nas atividades do design apontadas por Cardoso e talvez seja possível relacionar a fronteira fluida entre os aspectos formais e informacionais do design apontados por Cardoso e a valorização do aspecto ‘virtuosista’ e da linguagem presente na produção pós-fordista apontada por Virno.

Considerações Finais





A moda, o design, as artes plásticas e as artes visuais são espaços onde é possível identificar a construção de utopias para a transformação da nossa sociedade. Este processo pode ser percebido em diferentes momentos da história destas atividades até a atualidade. Independente da efetiva possibilidade de concretização destas utopias é possível perceber que na sociedade contemporânea existe uma valorização da capacidade abstrata de transmitir valores, conceitos e ideias através de objetos da indústria da moda, do design e da indústria cultural. É interessante observar que este processo, que interfere nos modos de fazer e produzir objetos de moda e de design está vinculada a transformação dos modos de produção de um regime fordista para um regime de acumulação flexível. Então, analisar e entender esta transição é também uma forma de entender a construção de utopias na moda, no design e na arte.

Referências

AMARAL, Aracy (org.). **Arte Construtiva no Brasil**: Coleção Adolpho Leiner. Rio de Janeiro: DBA-M.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRITO, Ronaldo. **Neoconcretismo**: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

DUARTE, Paulo Sergio. **Anos 60: transformações da arte no Brasil**. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1998.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GULLAR, Ferreira. “Manifesto Neoconcretista”, in: BRITO, Ronaldo. **Neoconcretismo**: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.





HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MILLIET, Maria Alice. As Abstrações. In: **Bienal Brasil Século XX**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994. p. 189.

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. **Notas para uma história do design**. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

VIRNO, Paulo. **Gramática da Multidão**: Para uma análise das formas de vida contemporâneas. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/autoconvocad/gramatica_da_multidao.html>. Acesso em: 11 Mai. 2017.

SPFWN47: O tema, a cenografia e mais novidades sobre a semana de moda. **Fashion Forward**. 11 abr. 2019. Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/o-tema-a-cenografia-e-mais-novidades-sobre-o-spfwn47/>>. Acesso em: 20 Jul. 2019.

São Paulo Fashion Week – Paulo Borges (Instagram) 13 Abr. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/BwN5x-aB0PW/?igshid=kvfq1ov4dg98>>. Acesso em: 20 Jul. 2019.

